

PREMISSAS CONCEITUAIS SOBRE A FORMAÇÃO DO MATERIALISMO DE MARX*†

Conceptual Assumptions on the Formation of Materialism of Marx

César Augusto Soares da Costa

Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO

Esse artigo pretende analisar e situar a estrutura do materialismo à luz da filosofia de Hegel e Feuerbach e suas relações, princípios e influências sobre a formação do materialismo de Karl Marx. Sendo a dialética o princípio motor da filosofia de Hegel, irá Marx fazer uso da dialética para desenvolver metodologicamente sua filosofia materialista, contrapondo assim ao idealismo dialético de Hegel. Para realização dessa tarefa utilizaremos as categorias centrais em Hegel e Marx que permitem a passagem do particular ao universal, conforme Hegel.

Palavras-chave: Materialismo dialético, Idealismo, filosofia, Hegel, Marx.

ABSTRACT

This article analyzes the structure and place of materialism in the light of the philosophy of Hegel and Feuerbach and their relationships, principles and influences on the formation of the materialism of Karl Marx. Since the principle engine of dialectic philosophy of Hegel, Marx will make use of dialectic to develop methodologically materialistic philosophy, thus contrasting the idealism of Hegel's dialectic. For this task we use the central categories in Hegel and Marx that allows passage from the particular to universal, as Hegel.

Keywords: Dialectical Materialism, Idealism, Philosophy, Hegel, Marx.

* **Recibido** Junio de 2010; **aprobado** Noviembre de 2010.

† Texto elaborado a partir do Seminário na Disciplina *Karl Marx e a Natureza I*, Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande/FURG no semestre acadêmico de 2010/1 ministrado pelo Prof. Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto.

1. Introdução

As inúmeras pesquisas sobre o materialismo marxista até hoje suscitam polêmicas e inúmeros estudos. A intenção do nosso artigo é abordar alguns aspectos conceituais em torno da formação da dialética marxista. Logo, começaremos tratando da dialética em Hegel e depois em Karl Marx. Por fim, temos a intenção de analisar a relação entre sujeito e objeto, ser e consciência, no contexto da concepção idealista e materialista de Hegel, Feuerbach e Marx.

Certamente que a pretensão do nosso texto, ao envolver categorias e relações entre as mesmas de tamanha profundidade, exigiria um esforço maior e um trabalho bem mais extenso, que não caberia nos limites desta análise. Assim, procuramos atingir de maneira breve, porém, não menos consubstancial, ao objetivo a que nos propomos.

Antes de expor o método dialético, situaremos historicamente a obra dos autores de maneira que facilite a contextualização histórica de suas idéias dentro dos acontecimentos e da época em que escreveram.

62 As quatro principais obras de Hegel são publicadas num intervalo de 15 anos. Primeiramente foi a *Fenomenologia do Espírito* em 1807. Depois, de 1812 a 1816, Hegel publica três livros da *Ciência da Lógica* que darão suporte para a estruturação do método dialético. Em seguida, a primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, em 1817. Por último, *Princípios da Filosofia do Direito*, em 1821.

Hegel é tomado como representante de um pensamento mais moderno, fluido, em movimento, um pensamento que irá se dedicar para além dos domínios da lógica e da matemática, apreendendo o sentido histórico de um pensamento mais moderno, fluido, em movimento, um pensamento que irradia e o curso das coisas. O princípio-motor de suas idéias está na dialética.

A época vivenciada por Hegel é posterior ao Iluminismo, filosofia na qual preponderou as idéias de Kant, no período anterior à Revolução Francesa. O Iluminismo por essa época, final do século XVIII, na Alemanha, já havia sido ultrapassado pela filosofia romântica. Hegel considerava o Iluminismo como um momento superado na evolução da história do pensamento. Porém, por volta de 1830/1840 tem-se um ressurgimento iluminista que a exemplo do anterior, combativo, político e anti-religioso na França pré-revolucionária, ligava-se na Alemanha à luta pela reforma do Estado prussiano feudal.

O período 1830/40 foi de luta ideológica, no qual buscava-se combater os direitos da Razão, a era das Luzes e o racionalismo. Nessa luta, a obra de Hegel cedeu à influência de Feuerbach.

O novo Iluminismo, de cunho filosófico-romântico, tinha como carro-chefe o materialismo de Feuerbach, que lançaria suas pesadas críticas ao núcleo racional-teológico do Idealismo hegeliano. Tem-se então, na vanguarda do pensamento filosófico, o materialismo de Feuerbach, o qual servirá ao jovem Marx como arma necessária à crítica do Idealismo hegeliano e à formação de seu pensamento.

O período de efervescência da luta ideológico-filosófica, envolve, primeiramente, Hegel e Feuerbach e, logo imediatamente, Marx, apoiando-se este no materialismo de Feuerbach, para criticar os preceitos filosóficos hegelianos. Posteriormente, no Marx maduro, nas *Teses sobre Feuerbach*, haverá a crítica ao materialismo humanista feuerbachiano. Todo este período da crítica de Marx compreende de 1843 a 1846, onde Marx irá escrever a *Crítica da Economia Política* (1843), *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843), os *Manuscritos Econômicos-filosóficos* (1844), *A Ideologia Alemã* (1845-1846). Iniciaremos nosso exame partindo das principais categorias hegelianas e sua posterior influência no pensamento de Karl Marx.

63

2. A Premissa: A Dialética Hegeliana

Hegel buscou com o desenvolvimento de sua filosofia uma explicação do mundo. Irá encontrar na Razão o elemento que o faria chegar ao entendimento do mundo. Daí ele assinala que a Razão se explica a si própria, como também afirmar que a Razão é quem dirige a história. Para isso escreveu a *Ciência da Lógica* para poder traçar o corpo de categorias que, numa relação de movimento, caracterizariam a dialética.

A dialética hegeliana parte do princípio da identidade de opostos. Ela se compõe de várias unidades, das quais Hegel enumera três: *tese*, *antítese* e *síntese*. A tese poder ser entendida como o momento da afirmação; a antítese é o momento da negação da afirmação, gerando a tensão que origina a síntese, o último momento que corresponde à negação da negação, ou seja, é o resultado da antítese anterior, no qual suspende a oposição entre a tese e a antítese. A síntese representa uma nova realidade marcada pela aparição da Razão Absoluta, da consciência de si, ou, o que dá no mesmo, da autoconsciência. A dialética é o movimento contraditório dentro de unidades que a cada nova etapa nega e supera a etapa anterior, num fluxo contínuo de superação-renovação. Hegel sustenta a idéia de que um princípio não basta em si mesmo, pois carrega em si a contradição e a luta de opostos. Esse processo de superação-renovação é o que Hegel chama de processo de explicitação (Nóbrega, 2005).

Importa salientar que a *tese, antítese e síntese* não se operacionalizam de maneira automática, como, à primeira vista, pode parecer. Explicitando de forma mais detalhada esse movimento de passagem do Espírito Abstrato ao Espírito Absoluto, Hegel utiliza as seguintes categorias: o *ser-em-si*, o *ser-aí*, o *ser-para-si* e o *ser-em-si-para-si*. Na realidade, dentro das três unidades acima descritas operam quatro momentos. A diferença que há nesses quatro momentos é que do momento inicial para o segundo momento, ou seja, na passagem do *ser-em-si* (que corresponde à afirmação) para o *ser-aí* (corresponde à antítese, a segunda etapa) opera-se a primeira negatividade, caracterizada pela imediatez do ser mediatizada pela reflexão. É um momento de diferenciação e não ainda de superação, pois aí ainda opera uma negatividade ligada ao *ser-em-si*. Na passagem do *ser-aí* para o *ser-para-si* (corresponde ao segundo momento da antítese) opera-se a segunda negatividade, onde não apenas o *ser-para-si* diferencia-se do *ser-em-si*, mas, o supera, se separa e se isola, para além da imediatez do *ser-aí* anterior.

64 O momento do *ser-para-si* é o que há de novo, é fase crucial, é o momento de invenção da dialética hegeliana, pois é a partir desse momento que o ser se torna pessoa, ser livre, é a etapa de maior grau de subjetividade. Essa passagem que Hegel caracteriza como mediação ele a denomina de *essência*. A idéia de superação do *ser-para-si* em relação ao *ser-em-si* significa desatar os laços que mantêm preso o ser às leis da Razão não consciente. É nesse sentido que ele se torna livre, segundo Hegel. A idéia de liberdade surge da operação dessa passagem que é marcada pela interferência do movimento dialético, o que no momento anterior não havia, pois na primeira negatividade houve uma passagem imediata, ainda presa ao momento inicial marcado pela ingenuidade, inconsciência no domínio da Razão.

A dialética é também um processo de concretização. O momento inicial da tríade é de abstração, por ser mais amplo, pois engloba as três etapas em seus movimentos contínuos e opostos. O momento final do processo que resulta na síntese é o menos amplo, é a fase final do primeiro ciclo dialético que eliminou as demais. Daí que, o que é importante, o movimento dialético representa o processo que vai do abstrato até o concreto.

A categoria mais abstrata que, segundo Hegel, se encaixa na tese é o ser, ser puro, livre de seus atributos. Seria a categoria mais abstratamente universal. A antítese do ser seria o *não-ser*, ou seja, o nada. Este é o elemento mediador, a negação da negação. E na síntese, como mesclagem dessas duas, teríamos o devir ou devenir. A idéia é percorrer o transcurso que levaria do Espírito Abstrato até o Espírito Concreto, através do elemento

de mediação que Hegel chama de essência ou a negação da negação. Hegel trata na sua lógica Idéia, Razão e Espírito como sinônimos.

Esse primeiro momento, da Idéia, representa a interioridade e subjetividade, isto é, é a Idéia *em si*, ou, o *ser em si*. O segundo momento é a exteriorização da Idéia e a negação do primeiro momento. Esse segundo momento de exteriorização é dado na Natureza. É a idéia em estado de objetivação. A Natureza é a antítese da Idéia. Por último tem-se a objetivação da Idéia, unidade do terceiro momento que é a síntese da antítese entre a Idéia subjetiva e a Natureza. A Idéia Absoluta representa o retorno à interioridade, é a volta ao estado inicial. A diferença entre a etapa inicial e a etapa final é que o Espírito Abstrato é uma interioridade sem consciência; já na segunda etapa, o Espírito Concreto ou Idéia Absoluta é uma interioridade consciente, fruto do movimento contraditório da antítese anterior. A Idéia é a unidade do ser e do objeto.

A primeira etapa é o estágio da liberdade restrita, em que a percepção do ser humano face à realidade é ingênua. O terceiro momento, no qual vai haver a objetivação do Espírito, será marcado pelo surgimento das instituições humanas, tais como a moral, o direito, a história, a política, etc. É o surgimento do próprio Estado como objetivação e realização efetiva da Razão. Afirma Hegel que a passagem do Espírito abstrato ou subjetivo para o Espírito concreto ou objetivo representa um estágio de maior liberdade. Afirma Hegel (2005) na *Fenomenologia do Espírito* que a evolução do espírito é a transcendência deste do plano subjetivo, estágio de inconsciência, para o plano objetivo, universal, absoluto, estágio de autoconsciência. O crescimento do espírito se dá no transcorrer da história; daí que o processo que leva do estado subjetivo ao objetivo, absoluto, representa o processo de crescimento da liberdade do ser humano. Na etapa de síntese, do espírito absoluto, este se torna infinito. É a consciência de si próprio, a mente se auto-percebe em qualquer outra coisa (Hegel, 2003). O domínio absoluto da Razão tem sua razão de ser na lógica de Hegel, por ele afirmar que não escolhemos as condições econômicas, sociais e institucionais nas quais evoluímos e, no entanto, elas determinam profundamente nossa maneira de ver ou o espírito dos povos em geral (Hegel, 2003).

Será do aprofundamento do estudo da obra de Hegel e da crítica dirigida ao sistema idealista hegeliano que Marx irá se apropriar do que há de mais fundamental em seu sistema: a dialética. Marx irá desenvolver a dialética como fundamento metodológico e teórico de sua principal obra, *O Capital* (1867). Porém, ao contrário de Hegel, Marx irá desenvolver a dialética segundo a concepção materialista e não idealista. Conforme o próprio

Marx, enquanto a dialética de Hegel desce do céu à terra, sua dialética vai da terra ao céu.

3. Idealismo e Materialismo: Hegel, Feuerbach e Marx

Embora não seja tema de investigação, consideramos fundamental na crítica do jovem Marx a Hegel como também para sua concepção materialista da história a filosofia de Feuerbach, que através do materialismo rebateu o sistema idealista hegeliano. Daí que a crítica de Marx a Hegel não seria possível sem antes nos reportarmos, brevemente, à contribuição de Feuerbach nesse processo, de quem o Marx jovem e maduro estruturou não só sua crítica como também a evolução de seu pensamento. Partimos tratando da relação entre sujeito e objeto em Hegel, Feuerbach e Marx.

3.1 A Relação sujeito e objeto: a epistemologia materialista

66 Na realidade, do ponto de vista epistemológico, o centro da discussão do debate entre Hegel e Marx, inclusive Feuerbach, é a relação sujeito e objeto. Algumas colocações realizadas em nosso estudo já foram brevemente, de uma maneira ou de outra, citadas.

Em Hegel essa relação se coloca no plano abstrato da Razão, da Idéia e do Espírito, para depois se estender ao plano da objetivação, atingindo a Razão Absoluta, cuja realização objetiva se dá por meio do Estado.

Portanto, em Hegel o sujeito é abstrato, ele se encarna na Razão. Melhor dizendo, o ser é ‘sujeito de si mesmo’, independente da existência corporal do indivíduo pensante. O ser é uma simples propriedade do pensar. A consciência é o ser, o sujeito. O ser é objeto (Plekhanov, 1972, p. 22). Feuerbach, por sua vez, adianta que “não há e não pode haver pensamento independente do homem, quer dizer, do ser real, material”. Seguindo esse raciocínio o homem é para Feuerbach o núcleo da unidade entre o ser e o pensar (Plekhanov, 1972, p. 22).

O Marx jovem absorve integralmente o pensamento de Feuerbach. A inovação de Feuerbach, isto é, a transição ao materialismo invertendo a relação entre o ser e o pensar será a base sobre a qual Marx encaminhará seu pensamento.

Se em Marx o elemento mediador é a práxis, em Hegel é a essência. Para Feuerbach não há mediação. A mediação é um atributo da lógica dialética e essa é uma categoria que Feuerbach refutou em sua filosofia. A unidade entre o ser e o pensar ocorre em Feuerbach pela simples razão de que é o homem um ser material e que é de sua natureza a faculdade de pensar.

As implicações acerca da maneira de se conceber o sujeito e o objeto são profundas, atingindo o núcleo do pensamento dos autores, do ponto de

vista metodológico e filosófico e, quanto aos resultados a que chegam.

Deduz-se que o sujeito em Hegel é produto da Razão. Em Marx, o sujeito é fruto das condições materiais através das quais eles se reproduzem, ou seja, o conjunto das relações sociais de produção e das forças produtivas. Em síntese, Hegel faz da consciência o sujeito e do ser o objeto, enquanto Marx faz do ser o próprio sujeito em sua atividade prática e da consciência o objeto apreendido pelo ser em sua realidade objetiva, material. Assim, conforme as visões de Hegel e Marx acerca da determinação do sujeito e do objeto, vamos ter caminhos diferenciados quando entendidas tais categorias à luz da questão da universalidade no âmbito da relação entre sociedade civil e Estado.

Feuerbach afirma que o começo da filosofia deve se assentar no finito, no determinado, no real. Desmonta de início a base sobre a qual se estrutura o pensamento de Hegel ao afirmar que o ser do homem não é a Idéia, a Razão ou o Espírito, mas o homem. O homem é, antes de qualquer coisa, um ser natural. O princípio materialista do pensamento de Feuerbach se coloca no sentido de considerar o homem como ser real, como ser vivente, em sua existência concreta e não ideal. Nesse sentido remete a essência do homem à natureza. Enquanto em Hegel a Natureza é a exteriorização do ser (da primeira etapa, na tese) no sistema da lógica, em Feuerbach é a atribuição essencial do ser. Feuerbach trata do homem em si próprio, livre das atribuições especulativas e idealistas do hegelianismo. Afirma Feuerbach que “a verdadeira relação do pensamento ao ser reduz-se a isto: o ser é sujeito, o pensamento é predicado. O pensamento provém do ser e não o ser do pensamento” (Timmerman, p. 51). A dialética hegeliana pouco ou nenhum valor tem na obra de Feuerbach por achá-la arbitrária. Dirá Marx que Feuerbach desprezou o que de mais fundamental há no pensamento de Hegel.

O materialismo de Marx sai das entranhas do materialismo de Feuerbach, mas com uma nova roupagem, pelo seu caráter histórico-concreto. Enquanto Feuerbach observa no materialismo o caráter natural, Marx dará ao seu materialismo um caráter histórico. Na medida em que o materialismo de Marx tem por fundamento a história, ele assume o caráter sócio-histórico, desenvolvendo seu pensamento no âmbito da teoria social. Portanto, o materialismo histórico-dialético de Marx tem uma base material, centrada no binômio forças produtivas-relações de produção, que desenvolveremos mais adiante. Marx sai do campo da filosofia para o campo da teoria social.

Em Feuerbach a essência do homem é o seu ser. O real é o sensível. A verdade reside na união de dois sujeitos reais em sua natureza. Essa união

nasce da intuição da essência universal de ambos os sujeitos. A verdade é, como diz Feuerbach, o homem em sua essência, ou em outras palavras, é a essência dos sujeitos (Frederico & Sampaio, p. 82). É a consciência sensível. Para Hegel a verdade é a união entre essência e aparência da coisa, é a união do eu e do tu que nasce da instituição da essência universal (idem, p. 83). Embora Marx inicialmente concebesse a verdade conforme Feuerbach; ou, fazendo uma ponte com Hegel, a verdade é a revelação da essência por meio da reflexão, em seus estudos posteriores ele não entenderá mais a verdade como a consciência sensível, intuitiva, mas a verdade como sendo o homem real agindo sobre a realidade, transformando-a.

Afirma Marx nos *Manuscritos* que para Hegel o ser humano só tem valor como ser abstrato pensante, como autoconsciência. E o sujeito que se conhece como autoconsciente é Deus, O Espírito Absoluto (Frederico E Sampaio, p. 45). Daí Marx afirmar que toda alienação do homem é a alienação que parte de sua autoconsciência. A superação da alienação é, justamente, a superação da abstração vazia e sem conteúdo que se instaura no momento da negação da negação, na antítese, como etapa de mediação, passando da reflexão à práxis. O conceito de alienação Marx toma de Feuerbach, refazendo este conceito posteriormente em seus trabalhos. A teoria da alienação de Feuerbach acusa o domínio do ser absoluto em Deus ou no Espírito Absoluto como fundamento da alienação da essência humana. Conforme Feuerbach, Deus é simplesmente a forma separada de seu conteúdo, no homem. Dessa falsa separação, afirma, o homem ao abdicar de sua essência, aliena-se. Logo, é tarefa essencial da Filosofia esclarecer e desmistificar essas ilusões (Timmerman, p. 52). Tanto Feuerbach quanto Marx transferem o racionalismo de Hegel do reino da abstração para o reino da concretude.

3.2 *As Teses contra Feuerbach (1845) e o Materialismo de Marx*

Nas onze teses de Marx sobre Feuerbach está as bases de sustentação do materialismo de Marx. Na primeira tese Marx afirma que o principal defeito de todo o materialismo, incluindo o de Feuerbach, é que a realidade, o mundo sensível só são apreendidos sob a forma de objeto ou intuição, mas não como *atividade humana sensível*, enquanto *práxis*. Na mesma tese adianta Marx que Feuerbach acata objetos sensíveis distintos dos objetos do pensamento de Hegel, mas não considera a própria atividade humana como atividade objetiva (Marx, 1988, p. 161).

Na sexta tese diz Marx que Feuerbach teve o mérito de transpor a essência religiosa para a essência humana, mas que a essência humana não pode ser algo em abstrato, inerente ao indivíduo isolado, sendo, em

realidade, o conjunto das relações sociais. Esse último aspecto – o conjunto das relações sociais – é um dos aspectos de maior importância da teoria social de Marx. Acrescenta Marx na sétima tese que o indivíduo abstrato que Feuerbach analisa é ele, na realidade, uma forma social determinada (Marx, 1988, p. 162).

De volta a Marx, se observará em *A Ideologia Alemã* (1845-46) o nascimento do materialismo histórico e dialético. Aqui estará exposto o pensamento do Marx maduro que refutará o hegelianismo especulativo-idealista e o materialismo humanista feuerbachiano. Embora Feuerbach desse um passo significativo para desmontar o racionalismo abstrato de Hegel, sua filosofia materialista pecava por situar no sensível, no intuitivo e no naturalismo a essência do ser, de maneira que, para aquele, além do ser nada teria sentido, mas apenas no próprio ser. Quanto a este ponto, o pensamento de Feuerbach parece dar indicações de que ele permaneceria no *ser-em-si* de Hegel. Tirando o homem do Reino Divino e livrando-o da alienação, Feuerbach fez do homem um ser satisfeito com sua essência, sua sensibilidade, que, por ser natural, é imutável, no sentido estrito do termo. Apesar de seu materialismo, da mesma forma que Hegel, Feuerbach fez do homem um conceito abstrato. Tomando a natureza como referência, renuncia ao movimento dialético de superação, existindo a convivência pacífica entre os sujeitos individualizados. Nesse sentido, na perspectiva feuerbachiana, a sociedade é o conjunto dos seres em sua individualidade.

69

4. O Materialismo: Ser social e as relações de produção

Contrariamente a Feuerbach, Marx vai situar seu materialismo para além do sujeito pensante, preso em sua sensibilidade. Marx irá centrar seu materialismo na relação dos sujeitos com condições materiais nas quais eles se perpetuam e atendem suas necessidades. Para Marx, os seres humanos embora sensíveis, são seres concretos reais, fruto das relações que mantêm em sua atividade prática, produtiva. Há uma inter-relação entre as relações de produção e as forças produtivas, dependendo estas e, ao mesmo tempo, impulsionando a divisão do trabalho. Dirá Marx que o que os indivíduos são depende não da Razão, mas das condições materiais da produção dos bens necessários à vida. Ou seja, a cada desenvolvimento das forças produtivas, corresponderá novas relações de produção mais avançadas, o que, por sua vez, corresponderá mais adiante a um novo momento de reflexão dos indivíduos sobre sua essência, subjetiva e objetiva, o ser e suas condições de existência.

A partir daí vislumbra-se a relação entre ser e consciência. Estando condicionado os indivíduos em seu pensamento pelas condições materiais,

estará a consciência subordinada ao ser, logo é o ser que determina a consciência e não o contrário. Já em Feuerbach essa máxima, de quem Marx tomou, ocorre não do homem face às condições materiais, mas porque o próprio homem é real, concreto, portanto, material.

A correspondência necessária entre as relações de produção e as forças produtivas é fundamental na concepção do materialismo histórico. Daí ser o materialismo histórico uma teoria social. A dialética é o núcleo racional do materialismo de Marx e Engels, exposto em *A Ideologia Alemã*. A oposição inscrita no sistema hegeliano entre a tese e a antítese, entre a afirmação e a negação, tem em Marx a mediação material, enquanto em Hegel é reflexiva, abstrata. Daí que a solução na operação entre a contradição dos dois pólos se dá em Marx por meio da atividade prática do homem que supera a oposição entre sujeito e objeto, ou o que Marx vai conceituar como a *práxis*. A *práxis* é a atividade enérgica dos homens face aos conflitos e contradições no âmbito da sociedade.

70 Dirá Marx que a primeira condição de toda história humana é a existência de seres humanos vivos. Acrescenta que, os homens ao produzirem seus meios de subsistência, produzem indiretamente sua própria vida material (Marx & Engels, 1989, p. 10-11). Mais adiante, coloca que a maneira como os homens manifestam sua vida reflete no que eles são. O que eles são coincide com o que eles produzem e como produzem. Assim sendo, segundo Marx, o que os indivíduos são depende das condições materiais de sua produção (1989, p. 11).

Os indivíduos, no exercício de sua atividade produtiva, segundo um modo determinado de produzir, colocam-se em relações sociais e políticas determinadas, relações que se dão entre proprietários de meios de produção e proprietários da força de trabalho. Em decorrência disso, a estrutura social e o Estado nascem do processo vital de indivíduos em ação, na sua existência real, segundo a maneira como trabalham e produzem materialmente (1989, p. 18).

Sintetiza Marx a idéia de que são os homens reais, atuantes, que produzem e reproduzem suas idéias, suas representações, etc. Daí ser a consciência o resultado do ser consciente e, o ser dos homens, acrescenta, é o seu processo de vida real. São os homens que realizando sua produção, desenvolvendo suas relações materiais, transformam, em função da realidade em que vivem, seu pensamento e também os produtos de seu pensamento (1989, p. 19-20). Posteriormente, com base nessa idéia, Marx irá desenvolver as noções de estrutura e superestrutura.

A relação entre o ser e o pensamento fica clara quando Marx e Engels assinalam que:

A consciência é, portanto, de início, um produto social. A consciência é, antes de mais nada, apenas a consciência do meio sensível mais próximo e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência (1989, p. 25).

E, mais adiante, afirmam que:

A soma das forças produtivas, de capitais, de formas das relações sociais que cada indivíduo e que cada geração encontram constitui a base concreta da representação que os filósofos fazem do que seja substância ou essência do homem (1989, p. 36-37).

Contrariamente ao modelo hegeliano, estão as idéias, as representações e a consciência, a princípio, direta e intimamente ligadas à atividade material e ao comércio material dos homens.

5. Conclusão

Sem sombra de dúvida há consenso por parte dos estudiosos de Hegel, Feuerbach e Marx a grande contribuição que tiveram os dois primeiros pensadores para a evolução e consolidação do pensamento de Marx. Feuerbach significou uma reviravolta no idealismo de Hegel como corrente de pensamento dominante até então. Em contraposição ao idealismo, Feuerbach vai instaurar o materialismo, trazendo o homem do céu e colocando na terra: o homem é a essência de tudo.

A lógica da teoria econômica de Marx se assenta no método dialético. Por exemplo, o próprio capital, como propriedade moderna, carrega em sua essência o princípio dialético da contradição, na medida em que Marx trata de sua evolução através da mercadoria até a crise do capitalismo, decorrente da tendência à queda da taxa de lucro, acarretada pela acumulação, concentração e centralização do capital em escala crescente. Marx sintetiza a lógica dialética em sua obra ao afirmar no livro terceiro que o capital é uma barreira ao próprio capitalismo, o que é uma afirmação controversa. Por outro lado, o viés metodológico da dialética hegeliana está presente nos *Manuscritos* quando Marx desenvolve o método da economia política que embasará a estrutura de *O Capital*.

O ponto central e controverso em Hegel e em Marx que está no sistema lógico de Hegel é o movimento dialético que faz operar o mecanismo de conservação-superação. Este mecanismo envolve a questão do Estado em Hegel como Razão Absoluta, assim como o fundamento da liberdade. Esta, em Hegel provém do Espírito, do abstrato; em Marx, provém do ser e suas condições de existência, portanto, do concreto. Os escritos com Marx, principalmente em *A Ideologia Alemã*, Engels retoma e refaz a visão de

Estado que foi concebida na época, ao lado de Marx. Assim como grandes avanços houve na concepção de Estado realizados por Gramsci.

Por fim, resta dizer que se a filosofia de Hegel é idealista e especulativa, o materialismo histórico de Marx e Engels é concreto, objetivo, revolucionário.

Referências Bibliográficas

- Hegel, G. W.F. (2003): *Princípios da filosofia do direito*, São Paulo, Martins Fontes.
- (2003): *Fenomenologia do Espírito*, Petrópolis, Vozes.
- Marx, K e Engels, F. (1989): *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Martins Fontes.
- (1983): *O Capital*, São Paulo, Abril Cultural, livro 3, vol. 4.
- Marx, K. (1978): *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.
- (2005): *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo.
- (1988): *Teses contra Feuerbach*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Nóbrega, F.P. (2005): *Compreender Hegel*. Petrópolis: Vozes.
- Plekhanov, G. (1972): *Os princípios fundamentais do marxismo*, São Paulo, HUCITEC.
- Sampaio, B.A. e Frederico, C. (2006): *Dialética e Materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- Timmermans, B. (2005): *Hegel*, São Paulo, Estação Liberdade.